

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES

MICHELE CRISTINA FERREIRA

NAS TRILHAS DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

MATINHOS

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES

NAS TRILHAS DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Trabalho apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Artes no curso de graduação de Licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Elisa de Castro Freitas.

MATINHOS

2017

TERMO DE APROVAÇÃO

MICHELE CRISTINA FERREIRA

NAS TRILHAS DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

BANCA EXAMINADORA

Professora orientadora Dra^a Ana Elisa de Castro Freitas

Professor Dr. Marcos Aurélio Zanlorenzi

Professora Louine Henrieth de Moura Correia

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Resumo | 05 |
| Introdução | 05 |
| <i>Zumbi</i>: Educação não pode jamais rimar com opressão | 07 |
| Processo de criação e materiais utilizados: uma narrativa fotográfica | 11 |
| Considerações Finais | 14 |
| Referências Bibliográficas | 15 |

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso/TCC focaliza o tema da opressão no sistema educacional e os desafios de sua superação, a partir da produção e análise de uma obra de arte tridimensional intitulada *Zumbi*. O processo de criação artística e a obra em si são analisados a partir de uma perspectiva processual, resultando em um relato descritivo e analítico. O trabalho dá ênfase nas dimensões técnicas e estéticas envolvidas na criação artística e nos conceitos que a obra busca problematizar.

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso/TCC focaliza o tema da opressão no sistema educacional e os desafios de sua superação, a partir da produção e análise de uma obra de arte tridimensional intitulada *Zumbi*.

O processo de criação artística e a obra em si são analisados a partir de uma perspectiva processual, resultando em um relato descritivo e analítico. O trabalho dá ênfase nas dimensões técnicas e estéticas envolvidas na criação artística e nos conceitos que a obra busca problematizar.

A escolha do tema *Zumbi* busca direcionar estudos para o entendimento e superação da prática de violência ocasionada por toda a forma de domínio que docentes muitas vezes praticam quando agem com opressão na relação de ensino-aprendizagem. Embora o tema da opressão e os desafios da sua superação no sistema educacional formal sejam largamente abordados em estudos educacionais (e.g. FREIRE, 1974; HARPER et al., 1984; CRUZ e PEREIRA, 2013), essa prática nos dias de hoje permanece sendo naturalizada nas instituições.

Alguns estudos focalizando o processo formativo de sujeitos historicamente oprimidos revelam que a opressão está relacionada a evasão, traumas e desistência dos discentes, que se sentem impotentes frente aos desafios educacionais e privados de seus objetivos e sonhos (DEMO, 1996; CRUZ e PEREIRA, 2013).

Fato é que, todos nós que vivenciamos o sistema educacional formal, passamos em algum momento por situações constrangedoras no ambiente escolar. Nesse sentido, as minhas memórias educacionais e as emoções que elas acionam são a matéria principal da criação acadêmica e artística desse TCC, privilegiando uma dimensão autográfica da educação.

O evento propulsor da criação artística, paradoxalmente, é marcado por uma situação constrangedora que “desata o nó” presente nessa temática e liberta a prática criadora como prática de resistência e contestação de toda e qualquer opressão no âmbito educacional.

As pesquisadoras Gênesis Cruz e Wilza Pereira (2013) se dedicaram a um estudo entre estudantes universitários, enfatizando situações de constrangimento, opressão e violência nos processos de ensino aprendizagem e suas conseqüências. Entre as conclusões elas apontam que:

(...) ao resistir à violência os discentes responderam com mais violência, o que reforça a ideia de propagação desse fenômeno em rede, pois este vai passando por várias configurações, tornando-se cada vez mais permeável e assim adquirindo características mais visíveis e perceptíveis. Porém a resposta violenta, mesmo em forma de protesto, é indesejável no processo educativo, pois a resistência que se espera é a conquista política, uma vez que esta utiliza a democracia para exercer seus direitos de cidadania com liberdade para expor suas críticas e assim resistir a opressão que suprime o questionamento e a reflexão do discente perante qualquer estrutura autoritária. (CRUZ e PEREIRA, 2013: 247)

Entendendo que a criação artística e a escrita acadêmica podem ser um espaço para se trabalhar criticamente a violência e transformá-la em matéria de criação, podemos interpretar o processo de criação artística do *Zumbi* como uma reação à opressão vivenciada em diversas situações ao longo da vida educacional, cuja gota d'água reside em situações opressivas na universidade.

Paradoxalmente, um curso de licenciatura em artes possibilita um aporte crítico e artístico que se tornou a base de uma reação à opressão vivenciada no próprio curso. Nesse sentido, concordando com Cruz e Pereira (2013:243):

Apesar de o sistema de ensino universitário, em alguma medida, assegurar ao docente a imunidade sobre possíveis atitudes não pedagógicas, que não promovem o aprendizado do aluno, esse é o mesmo sistema que também cuida de não inviabilizar a reação dos discentes, mesmo que esta se situe no nível do ritual, do ‘tenho que protestar’, para que estes últimos possam sentir-se minimamente sujeitos do processo.

Essas autoras consideram o processo educativo como espaço primordial para a construção do sujeito político e, portanto, da cidadania:

Consideramos que a educação é a base primeira da construção do sujeito político, aquele que se mostra capaz de superar imposições, arbitrariedades, medos e/ou constrangimentos tanto para mudar o presente para si e para outros, como também sabe criar oportunidades de futuro, exercitando constantemente a politicidade. (CRUZ e PEREIRA, 2013:242)

***Zumbi*: Educação não pode jamais rimar com opressão**

Nesse tópico, abordo a trajetória da criação de *Zumbi* em um formato descritivo, buscando aproximar o leitor do processo de criação.

No dia da escolha do tema da obra, muitos sentimentos e emoções borbulhavam desprovidos de livre arbítrio, sem a energia impulsionadora que o conhecimento exerce quando se é estimulado ao diálogo, e nenhum estímulo para tirar as dúvidas. Aspectos psicológicos, pedagógicos e sociais estão na base do tema e do nome da obra abordada neste relato descritivo e analítico.

O nome “Aurélius Zumbi da Silva” foi inspirado a partir da seguinte situação:

Quando em sala de aula o discente perguntou o significado de uma palavra para o docente, perplexo recebeu essa resposta:

- “Por acaso meu nome é Aurélio? Eu não sou obrigada a saber tudo!”

E essa resposta foi recebida de forma irônica e agressiva.

Essa situação nos aproxima das falas de estudantes universitários coletadas por Cruz e Pereira (2013:243), quando esses estudantes relatam que: “A lei da sala era ele [o professor], era ele que decidia tudo... Então, assim, a gente achava o cúmulo do absurdo não poder dar [qualquer] opinião na aula dele”.

Não precisei consultar o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa para intuir que *Zumbi* é um ser desprovido de sua própria vontade. Sem poder se expressar, com medo de indagar a qualquer dúvida, deduzi que não somos mais que “Zumbis”.

São novamente as autoras Cruz e Pereira (2013) a nos inspirar essa reflexão, quando se colocam no lugar de fala do discente e consideram que:

Assim, tomamos a perspectiva do discente, que, nos parece, muitas vezes ocupar um lugar de passividade e submissão aos atos dos docentes, mas que, nem por isto, deixa de perceber que, no contexto acadêmico, acontecem certos atos de violência por parte dos docentes.

Mas “Zumbi” é também “da Silva” - o sobrenome “Da Silva” é reconhecido como brasileiríssimo; e obteve como base edificante o retrocesso na educação pela Lei da PEC 241, de 2016 do governo “Fora Temer”. Nesse sentido, a obra busca transcender as relações imediatas entre docente e discente para abranger uma dimensão instrucional e normativa presente na educação brasileira e as limitações que ela impõe.

Sendo assim fazer uma comparação epistêmica entre as esferas estabelecidas é primordial para melhor entendimento das relações tecidas neste contexto: Verifica-se que a realidade educacional é multidimensional, entre elas estão Estado, educação, sociedade e subjetividade.

A hierarquização entre esses níveis provém do modelo burocrático presente de forma geral nas instituições de ensino brasileiras que, embora não atendam aos anseios da sociedade brasileira, possuem “(...) efeitos gerados pelo ‘poder’ e pelo ‘uso de poder’ que compõe a base rudimentar sob a qual a

violência ganha força e toma forma cada vez mais explícita e configurada”. (CRUZ e PEREIRA, 2013).

Debruçando sua análise na esfera estatal, Michel Foucault (1975:143) observa que violência e opressão estão presente em conjunto de instituições, revelando um *modus operandi* estatal:

As disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; cortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos.

É relevante ressaltar e relacionar efeitos que uma educação opressora pode estabelecer e reproduzir na formação do indivíduo, muitas vezes em situações em que opressão, constrangimento e violência são naturalizados.

Sobre isso, Cruz e Pereira (2013:148) consideram que:

Todavia, comportamentos violentos podem, também, em alguma medida não serem percebidas pelos agentes que as perpetua, os docentes, pois estes ao transfigurar, dar outro significado às suas ações acabam por fazer com que pareçam naturais, como se fossem parte constitutiva da relação que se estabelece entre ambos os agentes naquele espaço.

Esse comportamento que é muitas vezes repetitivo passa a ser aceito, naturalizado e reproduzido pelas vítimas. Para romper com essa naturalização, a emancipação política pode ter desdobramento no plano ético da fala e da cidadania.

Segundo Edgar Morin (2000:11):

Existe um aspecto individual, social e genérico, diria de espécie, uma espécie de trindade em que as terminações são ligadas: a antro-po-ética, a ética que corresponde ao ser humano desenvolver e ao mesmo tempo, uma autonomia pessoal - as nossas responsabilidades pessoais - e desenvolver uma participação social - as responsabilidades sociais - e a nossa participação no gênero humano, pois compartilhamos um destino comum.

Cada sujeito pode vivenciar as situações opressivas de diferentes formas, a partir de seus sistemas simbólicos e interpretativos, no meu caso, a

dimensão energética dessas situações passa a assumir um papel também preponderante.

Analisando as vivências e divergências pessoais, partidárias, hierárquicas e principalmente, que foram constituídas através da práxis, é utópico pensar em um sistema totalitário e regente no convívio social, educacional, familiar e energético.

Para abordar esse plano energético da opressão, podemos aplicar a noção de “Dramas de controle”, entendidas como situações que James Redfield, (2009:184-85) classifica como aquelas em que:

Todos manipulam em busca de energia, ou de uma maneira agressiva, direta, forçando as pessoas a prestar atenção neles, ou de uma maneira passiva, jogando com a simpatia ou curiosidade das pessoas para chamar a atenção. Por exemplo, se alguém o ameaça, seja verbal ou fisicamente, então você é obrigado, por medo de que alguma coisa ruim lhe aconteça, a prestar atenção nele, portanto a transmitir energia.

Essas palavras reforçam a visão de que estamos todos unidos na mesma teia de significados e significantes, tornando relevante considerar a lei de ação e reação, causa e efeito.

Nas circunstâncias em que não se pode falar claro, a obra de arte se mostra um caminho potente, curativo e libertário de expressão.

A metáfora da colônia de ostras de Rubem Alves (2008:9) me parece potente para falar de *Zumbi*:

Pois havia num fundo de mar uma colônia de ostras, muitas ostras. Eram ostras felizes. Sabia-se que eram ostras felizes porque de dentro de suas conchas saía uma delicada melodia, música aquática, como se fosse um canto gregoriano, todas cantando a mesma música. Com uma exceção: de uma ostra solitária que fazia um solo solitário. Diferente da alegre música aquática, ela cantava um canto muito triste. As ostras felizes se riam dela e diziam: “Ela não sai da sua depressão...”. Não era depressão. Era dor. Pois um grão de areia havia entrado dentro da sua carne e doía, doía, doía. E ela não tinha jeito de se livrar dele, do grão de areia. Mas era possível livrar-se da dor. O seu corpo sabia que, para se livrar da dor que o grão de areia lhe provocava, em virtude de suas asperezas, arestas e pontas, bastava envolvê-lo com uma substância lisa, brilhante e redonda. Assim, enquanto cantava seu canto triste, o seu corpo fazia o trabalho – por causa da dor que o grão de areia

lhe causava. Era uma pérola, uma linda pérola. a pérola é o resultado belo do atrito e tensão provocada pelo sofrimento.

Essa era a marca do momento vivenciado, e que se conectava a um rastro de memórias de uma série de outros anteriores, amplificando a angústia e mal estar. A obra de arte emerge como matéria que põe em evidência a situação opressora e traça uma estratégia de resistência e ação. Vejo na Arte uma ação libertadora, que se manifesta ao mesmo tempo decidida crítica à situação de opressão vigente e firme na esperança de uma sociedade nova, onde os direitos são expostos e não retirados.

Processo de criação e materiais utilizados: uma narrativa fotográfica

A obra Zumbi é uma escultura, tridimensional, composta por diversos materiais interligados. A seguir, optei por uma narrativa fotográfica que registra o processo de criação com legendas explicativas.

Material: Coleção de peças da revista (O Corpo humano). Argila, de Campo Largo.



Foto 1 – OSSOS DO OFÍCIO. Fonte – Michele Cristina Ferreira

Argila medicinal para tratamento Natural Bio - Energético



Foto 2 – Sorriso Rebelde. Fonte: Michele Cristina Ferreira

Copo plástico que foi usado para dar sustentação e simular o pescoço.



Foto 3 – PERFIL ZUMBITEIRO. Fonte: Michele Cristina Ferreira.

Aplicação de esmaltes na pintura do rosto



Foto 4 – FOME DE IGUALDADE. Fonte: michele Cristina Ferreira

Cérebro oprimido, petrificado pelo medo. Peruca branca sapiência



Foto 5 –.QUOCIENTE EMOCIONAL Fonte – Michele Cristina Ferreira

Serragem para encher os braços, pernas e roupa



Foto 5 – PREENCHENDO LACUNAS Fonte: Michele Cristina Ferreira

Considerações Finais

A trajetória de *Zumbi* narra, através da obra de arte e do processo de criação artística, o percurso da opressão à libertação. Foi preciso encarar as emoções dolorosas vivenciadas no corpo físico e simbólico diante das situações opressivas experimentadas no ambiente universitário e ser capaz de manipular essas emoções através da arte.

Ao encerrar esse percurso não posso deixar de anunciar o novo caminho que estou percorrendo: uma obra de arte é herdeira e promissora descendente do *Zumbi* – trata-se da criação de *Raiz* (título provisório), ainda em estado germinal, mas que promete materializar em arte as bases edificantes e potentes da educação emancipatória, que paradoxalmente também podemos encontrar no ambiente universitário.

Nesse sentido o paradoxo *Zumbi – Raiz* promete sintetizar os limites e as potências implícitos no processo educacional.

No âmbito da arte-educação, a análise da produção de *Zumbi* beneficia-se da perspectiva trazida por Ana Mae Barbosa (1994), quando esta autora propõe sua Metodologia Triangular, que é composta pela História da Arte, pela leitura da obra de arte e pelo fazer artístico.

Nessa metodologia, a criação humana de valores estéticos (beleza, equilíbrio, harmonia, revolta, etc.) sintetiza emoções, história, sentimentos e cultura, que por sua vez, se articulam com as capacidades humanas de criar e expressar-se, transmitindo ideias, sensações e sentimentos através da manipulação de materiais e meios diversos. Por fim, a atividade humana ligada a manifestações de ordem estética, feita por artistas a partir de percepção, emoções e ideias, com o objetivo de estimular esse interesse de consciência em um ou mais espectadores, faz com que cada obra de arte possua um significado único e diferente, possibilitando a representação da condição social-histórica do artista e sua essência de ser pensante.

Encarar nossas emoções de maneira ativa, através da materialização crítica dessas emoções em obra de arte, revela um caminho potente à arte-educação. A ação criativa aproxima-se de um dos sete saberes necessários à educação do futuro assinalado por Edgar Morin (2000:9), especialmente quando ele propõe uma ecologia da ação: "(...) atitude que se toma quando uma ação é desencadeada e escapa ao desejo e às intenções daquele que a provocou, desencadeando influências múltiplas que podem desviá-las até o sentido oposto ao intencionado".

Assim, *Zumbi* torna-se o alter-ego de si mesmo – imagem da opressão e caminho da libertação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA. Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

COLI, Jorge. **O que é Arte?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 2006.

CRUZ, Gênesis Vivianne e PEREIRA, Wilza Rocha. Diferentes configurações da violência nas relações pedagógicas entre docentes e discentes do ensino superior. **Rev. bras. enferm.** vol.66 .nº.2 Brasília: Mar./Apr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v66n2/14.pdf> <http://>. Acesso em 05/10/2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Lisboa: Ed. 79, 1975.

FREITE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Papel da Educação na Humanização**, Revista Paz e Terra, 9, 123-132, 1971.

HARPER, Babette; CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy de e OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Cuidado, Escola!** 13ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MORIN, Edgar. **Os Sete saberes necessários a educação do futuro**. 2000. Disponível em: [file:///C:/Users/Outlet/Downloads/EdgarMorin%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Outlet/Downloads/EdgarMorin%20(1).pdf). Acesso em 05/07/2017.

PEREIRA, Sonia Gomes; PORTELLA, Isabel Sanson. **Arte brasileira no século XIX**. 2008.

REDFIELD, James. **A profecia celestina, uma aventura da Nova Era**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009.